

A JUVENTUDE AOS SONS DOS TAMBORES

Maria Dnalda Pereira da Silva
(Departamento de Letras – UEPB)
Email: mdnadi.lettras@gmail.com

INTRODUÇÃO

A religião tem sido um vasto ambiente de pesquisas e discussões no qual elencam-se como destaque as transformações que este campo enfrentou até se encontrar na forma que conhecemos atualmente.

A religião torna-se assim, arraigada à própria condição humana constituindo-se um elo entre o real e o desejado. Além disso, devido ao posicionamento intolerante e etnocêntrico de alguns grupos, a religião, muitas vezes, tornou-se uma “justificativa” para guerras e massacres que evidenciam todo um preconceito e desrespeito por aquilo é que diferente.

É indispensável frisar, portanto, a intrínseca relação entre literatura e religiosidade, uma vez que a última constitui-se num ambiente simbólico desencadeador de uma forte aproximação com o universo literário.

Nesse ensaio, procuraremos enfatizar como o mundo religioso africano é representado na sociedade brasileira, pela literatura de Josué Montello, a fim de mostrar a dialética entre sociedade, cultura e religião, trazendo uma visão geral do Tambor de Mina, com seus ritos, mitos, costumes e crenças, bem como da sua relação com o catolicismo.

O presente estudo se configura como uma pesquisa em andamento, sendo parte do trabalho monográfico que pretendemos elaborar.

Mais especificamente, objetivamos analisar como a relação do negro com o sagrado é retratado por Josué Montello na obra **Os Tambores de São Luís** (1978), enfocando a personagem Damião em sua relação com o Tambor de Mina. Além disso, procuramos

apresentar os sons dos tambores como uma forma de chamamento do protagonista para o ingresso na religião de matriz africana.

A RELIGIÃO DE MATRIZ AFRICANA NO CONTEXTO DO TAMBOR DE MINA

A religião é uma forma de relação com algo considerado supremo. É uma tentativa de explicação daquilo que se encontra fora da nossa razão. Caracteriza-se como uma forma de revalorização dos desejos humanos, por vezes, tidos como impossíveis.

Assim, a religião se constitui como um espaço de possíveis realizações de desejos, de sonhos não concretizados. Um espaço que une o sagrado e o humano. Uma forma de explicar, ou uma tentativa de alcançar o desconhecido, que causa medo, dúvidas, indagações. São essas necessidades que levam o homem a buscar, por vezes, uma relação entre crenças diferentes, fundando diversos sistemas de crenças, cultos e cerimônias.

Segundo Geertz (1989, p. 67): “a religião ajusta as ações humanas a uma ordem cósmica imaginada e projeta imagens da ordem cósmica no plano da experiência humana.” Dessa forma, compreendemos a religião como algo arraigado à condição humana, uma vez que os aspectos religiosos surgem das circunstâncias humanamente construídas.

Podemos destacar que o ato da devoção é um dos principais traços da religião. Tal atitude encontra-se ligada à necessidade e a motivação, como um pedido, uma prece, datas importantes, festas de guardas, que trazem em si uma espécie de alimento entre o crente e à cosmogonia. Entre esses atos devocionais, destacamos os símbolos sagrados, que segundo Geertz:

funcionam para sintetizar o *ethos* de um povo – o tom, o caráter e a qualidade da sua vida, seu estilo e disposições morais e estéticas e sua visão de mundo – o quadro que fazem do que são as coisas na sua simples atualidade suas ideias mais abrangentes sobre ordem. Na crença e na prática religiosa, o *ethos* de um grupo torna-se intelectualmente razoável porque demonstra representar um tipo de vida ideologicamente adaptado ao estado de coisas que a visão de

mundo descreve. [...] O símbolos religioso reformulam uma congruência básica entre um estilo de vida particular e uma metafísica específica[...] (Geertz, 1989, p. 66 - 67)

Cada religião adota seus símbolos e tenta preservá-los para que não se percam os valores neles contidos. Além disso, cada religião adota uma cosmologia própria, a partir de elementos sacralizados.

No que diz respeito ao sagrado, Eliade (1992, p. 12) destaca que este: “manifesta-se sempre como uma realidade inteiramente diferente das realidades “naturais”.” Portanto, o sagrado é marcado pelo mistério, pelo fascinante, pelo diferente, fatos que levam o indivíduo a vislumbrá-lo como uma forma de redenção, algo supremo possível de realizar os desejos humanos.

A compreensão do sagrado muda com o desenvolvimento do homem. Ainda segundo Eliade (Op.cit, p.13),

O homem das sociedades arcaicas tem a tendência para viver o mais possível no sagrado ou muito perto dos objetos consagrados. Por sua vez, o homem ocidental moderno experimenta um certo mal estar diante de inúmeras formas de manifestações do sagrado[...]. O sagrado está saturado de ser.

Para Geertz (op cit, p.93), “em todo lugar, o sagrado contém em si um sentido de obrigação intrínseca: ele não apenas encoraja a devoção como a exige; não apenas induz a aceitação intelectual como reforça o compromisso emocional.”

No contexto globalizado de relativismo, notamos instaurado um sentimento de desconfiança no que diz respeito aos sistemas religiosos fechados. É essa uma das possíveis razões que fazem com que certas religiões, como por exemplo, as de matrizes africanas, sejam alvo de preconceitos.

No que diz respeito à religiosidade de matriz africana, percebemos que esta se encontra relegada a um olhar preconceituoso, irônico ou até mesmo exótico. Comumente são expressões religiosas tratadas como “menores”, rotuladas de “seitas” ou de “primitivas”, vista como rituais malignos ou pagãos, prontas a serem banidas de uma sociedade culta, de uma

sociedade branca e católica que se vê no direito de exterminar toda e qualquer prática religiosa que não siga o dogmatismo cristão.

O Tambor de Mina, alvo maior de nossa pesquisa, participa desse grupo de cultos discriminados ou desmerecidos. É uma religião cuja nomenclatura faz alusão ao uso constante de tambores no ritual e ao Forte de São Jorge da Mina, antigo entreposto de escravizados, que se localizava onde, atualmente situa-se a República de Gana.

O Tambor de Mina é assim, a religião de matriz africana mais propagada no Maranhão. Notamos que se trata de uma religião iniciática e sacrificial, de transe ou possessão em que os iniciados são preparados para “incorporar”, em transe, as divindades e tem por princípio o culto aos voduns que se agrupam em famílias e panteões.

Nas casas mais tradicionais a iniciação é demorada, não havendo cerimônias públicas, sendo realizada com grande discricção nos terreiros e poucas pessoas recebem os graus mais elevados ou a iniciação completa. Organiza-se em torno da “liderança feminina, a partir de modelos de irmandades e de sociedades secretas” (Ferreti, 2001).

No que diz respeito aos seus rituais, é muito comum a realização de festa e folguedos da cultura popular solicitados pelos voduns, como a Festa do Divino e a do Bumba-meu-boi.

O cargo de “Ogan” não existe formalmente e, são os amigos da casa e dos voduns, chamados de “Assissi” que ajudam na casa com as despesas e possuem compromissos. São convidados para alguns rituais e possuem um vodun protetor.

Destacamos também a ausência de Legba, dos fons, ou Exu dos yorubás, por isso, não há jogos de búzios. Oxum também não é cultuado nem são oferecidos cânticos a Exu. Oxum é substituído por *Navezuarina*.

Nos cultos da Casa das Minas, os instrumentos principais são três tambores de madeira, dois menores e um mais longo, que são tocados com baquetas. Seus tocadores são chamados de *huntó*. O som é marcado pelo *gan*, tocado geralmente por uma mulher (*ferreira* ou *gantó*). Há também o acompanhamento dos sons por quatro ou cinco cabaças. Os cânticos são na língua *fon* ou *jeje*.

No que toca às vestimentas, como nos mostra Ferreti (2001) nesta religião não há o costume de paramentar as divindades. Todos usam saias nas cores principais; verde, branco, azul, vermelho amarelo, rosa, estampado e marrom.

O transe é muito discreto e só é reconhecido por iniciados mais experientes. Para distinguir dos demais, aquele que está em transe usa uma toalha branca na cintura ou um lenço colorido amarrado na mão, denominado de *pana*. Todos usam colares coloridos, que são os guias ou rosários.

Em relação ao transe, Ferreti (2001, p. 03) destaca:

O transe da mina costuma durar várias horas e vodunsi permanece com os olhos abertos. As entidades africanas não comem, não bebem nem satisfazem necessidades fisiológicas no estado de transe. Alguns costumam fumar cachimbo de cano longo. Também se afirma que a pessoa não sente dores, ficando como se estivesse anestesiada durante o transe. Muitas entidades caboclas costumam fumar e beber cerveja ou outras bebidas.

Nesta religião não há a prática de magia negra e nem sacrifício de muitos animais. O que são mais oferecidos aos voduns são peixes e aves.

Quanto ao processo iniciático, Ferreti (2001, p. 03) destaca que,

Na Casa da Minas Jejes, cada vodunsi ou filha-de-santo recebe apenas um vodum. As que haviam se submetido a um ritual especial de iniciação e eram consideradas filhas feitas completas, denominadas de vodunsi-hunjaís, recebiam, em determinados rituais, uma entidade feminina infantil denominada de tobossi. A iniciação completa não é mais realizada há muitos anos e as tobossis não baixam mais.

Notamos, pois, a presença marcante da mulher, uma vez que a maioria das entidades é feminina. São ainda, consideradas mais complexas, já que para poder recebê-las é preciso passar por uma iniciação especial. Além disso, destacamos a presença de entidades infantis, também femininas.

Essa supremacia de gênero talvez tenha sido determinante na organização da Casa Grande, que se constitui um matriarcado, ou seja, é chefiada por uma mulher, a *nochê*. Uma após outra, as *nochês* são escolhidas pelos *voduns*, sendo vitalícias e substituídas com o falecimento.

Ferreti ainda destaca a busca por essa religião como uma forma de curar-se de alguma doença. Assim, percebemos a ideia que nos mostra a religião como uma necessidade para o homem explicar o inexplicável, uma necessidade de colher respostas para indagações e dúvidas.

No que diz respeito aos *voduns* (divindades) cultuados, estão dispostos em famílias, que determinam a divisão física da Casa das Minas, sendo a principal a de *Davice*, cujo chefe é *Zomadonu*, de uma linhagem real do *Abomey*. Essa família hospeda as outras: a de *Quevioçô* e a de *Dambirá*, cujos membros vivem em quartos ao lado do *gume*, o quintal onde está plantada uma secular cajazeira, considerada árvore sagrada. Mesmo *Zomadonu* sendo o dono do terreiro, existe um *vodum* maior, feminino, *Nochê Naê* (sinhá velha), que é a mãe de todos os *voduns*, *toquens* (jovens) e *tobossis* (meninas) da família *Davice* e rege a Casa das Minas. As festas em sua homenagem são realizadas em 24 de junho e 25 de dezembro.

Na mitologia *jeje*, os nomes dos *voduns* correspondem a nomes de reis, príncipes e nobres de grandes clãs que existiam no Daomé num passado remoto. Há famílias menores na Casa, como a de *Savaluno*, acolhida por *Zomadonu* após ter perdido seu território em guerras.

Os *voduns* da Casa das Minas reúnem-se no *comé*, quarto do *pégi* ou *pódome*, uma espécie de santuário, onde ficam os assentamentos dos *voduns* e outros objetos rituais. Este local é proibido para não-iniciados. É na varanda, ou *guma*, que os *voduns* dançam ao som dos tambores vibrados pelos *huntós*.

De acordo com Pierre Verger 1990(apud Ferreti, 2001), a Casa das Minas teria sido fundada pela rainha *Nan Agontime*, viúva do Rei *Agonglô* (1789-1797), vendida como escrava por *Adonozã* (1797-1818), que governou o Daomé após o falecimento do pai e foi destronado pelo meio irmão, *Ghezo*, filho da rainha (1818-1858). *Ghezo* chegou a organizar uma embaixada às Américas para procurar a sua mãe, mas ela não foi encontrada.

O sincretismo com o catolicismo é bastante latente nesta religião, pois segundo Ferreti (2001) é muito comum as *vodúnsis* frequentarem missas, apesar de estarem proibidas de integrarem dois ou mais terreiros, bem como de receberem entidades de outras casas. Assim, “os *voduns* no Maranhão são católicos bem como as *vodúnsis*.”

Ferreti vê a presença do catolicismo no Tambor de Mina como necessário, “pois é uma religião tributária, quer ritualmente quer do ponto de vista devocional” e por isso concebe o sincretismo como um “processo sócio-cultural.”

No Tambor de mina, procuram-se correspondências entre forças, entre *voduns* e santos, embora se diga que muitos *voduns* não possuem santos que lhe correspondam. Assim, diz-se que o Tambor de mina tem tudo o que outros (como católicos, os espíritas e os maçons) têm, e ainda mais, pois tem mistérios que outros não conhecem. (FERRETI, 1995, p.92)

Notamos, pois, que esta concepção vê o sincretismo¹ como inerente ao tambor de mina, na medida em que observa uma correspondência com o catolicismo que lhe confere características peculiares.

Conforme Ferreti (1995), o sincretismo é “consequência e influência recíproca entre culturas e um meio de adaptação do negro à sociedade colonial e católica dominante.” Seria, portanto a forma que os negros encontraram para enfrentar o contínuo sofrimento e manter sua cultura viva.

Neste ensaio, enfocaremos o protagonista do romance **Os Tambores de São Luís: Damião**, como um representante desse movimento sincrético, pois ele, após inúmeras tentativas fracassadas de ser padre, vai à Casa das Minas e revive os sentimentos enquanto escravizado, sua vida condicionada à sua origem étnica e as inúmeras lutas pela liberdade. Revive a África a partir das danças e rituais que ele vivencia na cerimônia religiosa e principalmente pelo o som emanado dos tambores.

Portanto, a religiosidade servirá como uma forma de sobrevivência cultural e manutenção das divindades, na proporção que, mesmo estando a todo o momento regido pelo fundamentalismo católico, pela constante vigia dos senhores e policiais, os seus deuses africanos permaneceram e conviveram, em caráter de resistência, com os valores católicos.

Josué Montello e Os tambores de São Luís

Josué de Souza Montello nasceu em São Luís no dia 21 de agosto de 1917 e faleceu no dia 15 de março de 2006, aos 89 anos incompletos. Filho de Antônio Bernardo Montello e de Mância de Souza Montello. Dedicou-se à cultura, à arte e principalmente à literatura. Foi jornalista, professor, romancista, cronista, ensaísta, historiador, orador, teatrólogo e memorialista.

Com mais de cem obras publicadas e conseguindo uma extrema qualidade à alta produtividade, Josué Montello é autor de romances, ensaios, novelas, peças teatrais, livros

¹ Sem pretender dar conta das várias noções que o termo sincretismo comporta, salientamos que O sincretismo é gerado do contato de culturas diferentes e, como tal é considerado por alguns estudiosos a partir da noção de “aculturação” ou “princípio de cisão” (Bastide 1971 apud Ferreti, 2001), um corte, uma separação no qual o culto africano e catolicismo não se misturam. Há quem veja o sincretismo como estratégia, desencadeada pelos negros, para sobreviverem, ou ainda, como uma forma de correlações de culturas distintas, uma mistura na quais características de uma religião foram incorporadas por outro através de um processo de assimilação.

destinados ao público infanto-juvenil, crônicas, críticas e diários, nos quais retrata inúmeros acontecimentos da vida artística, política e cotidiana brasileira através de um estilo claro e elegante.

É considerado pela crítica um dos maiores narradores da moderna ficção brasileira, e “um dos mais versáteis escritores, dos que oferecem aos leitores produção mais numerosa e significativa” (COUTINHO, 1997, p.447).

Seu texto mais conhecida é **Os Tambores de São Luís**, obra das mais bem trabalhadas, original no seu tema e no seu processo técnico e que representa o ponto culminante da produção do autor, na concatenação aliciante da narrativa, na modelar limpidez da escrita e na densa atmosfera de suspense e paixão.

O longo romance destaca a sociedade aristocrática e opressora do século XIX, caracterizando-se por um sistema de relações onde perpassa a noção de pessoa (senhor) exercendo domínio sobre a coisa (escravizado) com o diferencial de que esta camada dominante é transposta para os romances com grande saudosismo, através de um tom memorial.

Os Tambores de São Luís é a obra-prima romanesca de Josué Montello. É a crônica de uma época e um relato de ordem histórica.

Narrada em terceira pessoa, transcorre durante uma noite e algumas horas da manhã seguinte. Conta, em tom épico, uma história de três séculos de lutas do povo negro envolvido no processo de formação histórica e cultural do Brasil.

A trama se reporta ao período do final do Império e ao início da República, no Brasil. Portanto, há outro tempo histórico e social sobre o qual o autor lança seu olhar ficcional e real.

A narrativa inicia-se com a descrição da Casa das Minas e a necessidade que Damião tinha de ir ali. Damião, personagem principal, fica sabendo do nascimento de seu trineto e inicia a caminhada até a casa de sua bisneta e é durante essa caminhada que passa a ouvir os sons dos tambores vindos da Casa-Grande das Minas. Nesse momento, através de analepses, Montello conta a história do protagonista, desde a sua infância até a sua idade adulta.

Enquanto Damião era criança, Dr. Lustosa acordou a sua venda, gerando em Julião, pai do menino, a necessidade de tomar alguma atitude. Esse, então, resolve fugir para o quilombo

do Mané Quirino, mas antes de fazê-lo, atea fogo em toda a fazenda. Na verdade, Julião não vai até onde pretendia. Para no meio da caminha e lá mesmo funda o seu próprio quilombo.

O quilombo vai crescendo e se desenvolvendo com a chegada de negros de todas as partes. Dentre esses novos comunas, destaca-se Barão e Samuel como dois grandes mentores e influenciadores do menino Damião. O primeiro era um escravo alforriado detentor de um título de nobreza (barão), personagem fundamental para o ingresso do menino Damião no mundo das letras e dos conhecimentos da elite brasileira. O segundo torna-se o melhor amigo de Damião e o inicia em sua vida sexual. Samuel ainda será o responsável pelo regresso da família de fuga aos domínios do Dr. Lustosa, graças a uma traição impetrada pelo escravo aos irmãos quilombolas, fato que desencadeia a morte do pai de Damião e a posterior vingança do senhor de escravos no menino filho do escravo fugitivo.

Após a chegada de Damião e sua família na fazenda, Dr. Lustosa passa a castigá-lo assiduamente e é durante um desses castigos, no qual Damião estava prestes a morrer por causa das acusações de Nhá-Biló, que devido a sua “loucura”, imaginava está grávida de Damião, que Dr. Lustosa morre.

É a partir da morte de seu “dono” que Damião torna-se “livre” e consegue chegar à cidade grande contando com a ajuda do bispo que visitara a fazenda de Dr. Lustosa enquanto esse era vivo. Com a ideia de torna-se padre, Damião ingressa no seminário. Durante sua estadia enquanto seminarista conta com a ajuda do padre Tracajá que vem a falecer mais e tarde, deixando Damião hospedado na casa de sua filha, que tivera no início de seu celibato. Todas as tentativas de Damião tornar-se padre acabam por fracassar devido à sua condição de ex-escravo e negro e acaba por desistindo de ser padre.

Damião inicia a vida enquanto professor no Liceu Maranhense, e casa-se, mas acaba por ser demitido devido a uma aula na qual defendia ferrenhamente o negro e seus direitos. Após esse período, e a morte de sua esposa, Damião acaba sendo expulso passa a viver como um mendigo. Porém, tempo depois, volta-se a si e passa a lutar a frente da liberdade dos negros escravos.

Em meio a suas lutas, conquistas, vitórias, quedas, Damião enfrenta muitas dificuldades, mas consegue, por fim, o que tanto buscou: ver todos os seus irmãos de sangue livres do cativo. É com a libertação dos escravos que Damião rejubila-se e é consagrado o herói do povo negro.

Damião encerra assim sua caminhada e chega à casa de seu trineto, ficando felicíssimo com a criança que via que recebe o nome de Julião. Fica sabendo da morte de dois homens e relembra o início de sua caminhada, quando vira, num botequim dois homens mortos, tornando-se a pensar se um daqueles homens, ao qual não prestou socorro nem deu a mínima atenção pudesse ser o seu filho que voltara de viagem. Atordoado com a ideia que lhe vinha à mente pediu um copo d`água.

Livro publicado em 1975 contém mais de 400 personagens, desde bispos, negro e raparigas e tipos de rua. Montello retrata ainda o cenário, o ambiente cultural, o sistema político-econômico, o dia-a-dia dos fazendeiros e os conflitos entre negros e escravocratas, evocando imagens dos tempos de cativo.

O NEGRO DAMIÃO E O SINCRETISMO...

Partindo dessa visão geral acerca da obra em estudo, temos a pretensão de analisar como Josué Montello, na obra **Os Tambores de São Luís** aborda o sincretismo religioso, enfocando os elementos presentes na cultura e na religião afro-brasileiras como forma de resistência e identidade cultural.

O primeiro ponto de destaque desenvolvido pelo autor é o enfoque ao espaço sagrado afro-brasileiro, específico do Maranhão, a Casa- Grande das Minas. Esse “olhar” é reiterado por uma descrição minuciosa da origem, desenvolvimento e manutenção do templo como lugar sagrado, com sua liturgia e rituais. Desse modo, Montello confere ao texto uma autêntica historicidade,

A origem da Casa das Minas há de ser sempre um mistério. Ninguém saberá quem lhe assentou os alicerces, com as disposições internas para seus ritos e cerimônias. Tudo o que se sabe não tem a liquidez do testemunho histórico: limita-se à tradição oral. Teria sido obras de negros de contrabando, ou seja: de africanos que vieram para São Luís no porão dos tumbeiros, já na fase do tráfico proibido. É pelo menos o que nos contam (MONTELLO,1978, p.259)²

² A partir desta citação, reportaremos-nos apenas ao número de página do romance, já que se trata da mesma obra citada inúmeras vezes.

Além desse recurso descritivo, Montello preocupa-se em presentear o leitor com uma explicação das características estéticas do Tambor de Mina como, por exemplo, a forma das vestimentas, com ênfase para os trajés e paramentos das noviches durante o ritual:

As noviches, que também usam saias coloridas, algumas de pano-da-costa, não se limitam a dançar, sozinhas ou em grupos, consoante a inspiração do vodum e a marcação dos tambores – também sentam no chão como meninas e brincam com bruxas de pano, sob as vistas da nochê[...] (p.259).

Lugar de maior valor simbólico na narrativa, graças ao seu valor religioso, o *querebatã* da Casa das Minas é apresentado como território onde são celebrados os mitos e ritos nas cerimônias que resgatam parte dos voduns conhecidos da África. Ali, sob o som cadenciado dos tambores e a possessão das noviches, Damião e os outros negros do romance reencontram suas raízes primordiais, dimensionando toda a grandeza de pertencerem a uma etnia ancestral.

No *querebetã* os negros se encontravam para deixar aflorar os sentimentos imemoriais de liberdade, que os remetiam às terras africanas: “pela excitação de quantos ali estavam, Damião reconheceu, num relance do olhar, que os outros negros sentiam o que ele sentia [...] ali reencontravam seus deuses, seus cantos, seus irmãos” (p. 202-203). Nesse ponto do romance, Josué Montello se esforça em recuperar, pela literatura, uma das tradições mais importantes das cerimônias africanas celebradas no interior da Casa-Grande das Minas: o transe das iniciadas. A personagem noviche Genoveva Pia - uma escrava - incorpora seu vodum sempre que visita a Casa-Grande das Minas. Assim,

Quando alcançou a Casa da Minas, a nochê ia se aproximando das noviches, ao som nervoso dos tambores. Genoveva Pia acelerou o passo, sem ver mais ninguém, sentindo que seu vodum lhe mandava dançar. Logo seu corpo leve se incorporou ao grupo das companheiras e ela rodou sobre si mesma, sacudindo o colar de contas e as pulseiras de búzios, o lenço na cabeça, as pálpebras semicerradas, presa à vida circundante unicamente pela cadência do batecum frenético. Outro ser se instalara no seu ser (p. 259).

Na medida em que Josué Montello incorpora no romance os rituais experimentados na Casa-Grande das Minas, ocupa-se em descrever as singularidades desse universo de

divindades e ancestrais africanos cultuados ao som dos tambores, no ritmo das danças e dos rituais de possessão.

A Casa-Grande das Minas é ainda apresentada como o local em que, não apenas Damião, mas todos os negros que lá se encontram são tomados pelo sentimento atávico de retorno às suas origens africanas.

Damião experimentava a sensação física de que pisava chão africano [...] Era ali um negro entre negros, e tudo em redor contribuía para aguçar-lhe no espírito a consciência da raça – no cheiro dos corpos que se movimentavam, na chama das velas votivas, na água pura das jarras, no êxtase dos semblantes dominados pelos voduns, no saltitar dos pés descalços, na sonoridade dos búzios nos braços das noviches e, sobretudo, no bater dos tambores, que tinham agora um tom marcial de desafio, canto augural e trompa guerreira, e a que se misturava a harmonia das vozes, no coro das litanias. Essas vozes alongavam-se em lamentos, como súplicas desesperadas [...] (p. 202).

No que diz respeito à manutenção e à resistência religiosa e cultural notamos a utilização de nomes verídicos como, por exemplo: *Abeju*, *Loco*, *Ajautó*, *Agongone*, *Coicinacaba*, *Sepazin* e *Toca* evocados nos rituais descritos no romance.

O texto esforça-se em resgatar as particularidades da religião afro-brasileira, enfocando-a como uma forma de resistência à opressão do branco dominador. Logo, traz à tona, em vários momentos, a sacralidade africana pujante nas veias e no coração dos negros escravizados, mas de consciência livre e ativa para praticar sua religiosidade seja no quilombo, na senzala da fazenda Bela Vista ou na Casa-Grande das Minas. No fragmento a seguir, mesmo correndo o risco de serem encontrados, devido aos batiques dos tambores, os negros não deixam de louvar os seus deuses e os seus ancestrais:

Egressos de outras fazendas longínquas, novos negros ali chegaram, e não tardou que, uma noite, à hora em que descem os voduns nos terreiros sagrados, ressoasse um tambor, abafado pela floresta circundante. Também apareceu uma cabaça. E ainda um ogã (p.12)

Quanto ao sincretismo religioso, este pode ser observado a todos os instantes, como por exemplo, em momentos em que os negros suplicam a ajuda de Deus e na descrição de Quincas Nicolau:

[...] fazia às vezes do padre, numa espécie de missa a seu modo, e era ele também que fazia os batizados e encomendava os mortos à beira da cova. Depois à noite, no terreiro, rodavam as danças ao som do tambor, dos ogãs e das cabaças, que o coaxar dos sapos, perto, parecia acompanhar. (p. 34 – 35)

Todavia, diante de tanto sofrimento e humilhação, ficam à mercê de sua própria sorte e indaga: “Onde estava Deus, que não amparava os seus negros?”

O próprio título do livro nos convoca para a ideia de sincretismo, uma vez que ao tratar da história de construção de São Luís do Maranhão, Josué Montello estabelece um elo entre os tambores, típicos das religiões africanas e ao santo católico, São Luís. Dessa forma, apresenta uma correlação possível entre o catolicismo e o tambor de mina.

Contudo, no transcurso do texto, torna-se evidente que esse sincretismo é constantemente “combatido” pelas elites católicas dominantes, pois estas tentam a todo custo impedir a ordenação de Damião enquanto padre, uma vez que não se admitia um padre negro. Podia-se ter até um padre mestiço, como o Tracajá, mas negro não. Esse impedimento é encabeçado por Padre Pinto que recusa claramente a presença de Damião entre os sacerdotes católicos, entendendo a ordenação da personagem principal como um prejuízo para a religião do ocidente. Prejuízo esse pelo fato de Damião ser um negro e que por isso poderia “descaracterizar” o catolicismo, bem como não “agradar” a elite da sociedade.

Por esse prisma, Montello enfatiza o visível preconceito contra o negro, desmistificando e denunciando a visão de uma ideologia dominante, excludente e racista. Um dos momentos marcantes do texto é o contexto em que os fiéis relacionam a cor dos paramentos do seminarista Damião à negrura maculada, como vemos na seguinte passagem com zombarias nas ruas quando Damião veste a batina pela primeira vez em público:

- Olhem ali um padre preto![...]
- É preto, sim. Bem pretinho. E esta mesmo de batina. [...]
- A igreja já chegou na senzala! (p. 165)

Observamos que para o povo, devoto do catolicismo, até os paramentos da igreja estão negros, pois se volta o olhar para Damião, de batina, que assim como ele torna-se preta, assim como a Bíblia que o barão deu de presente a Damião quando viviam no quilombo: “E deu-lhe de presente a sua velha Bíblia, toda negra, com uma cruz doirada na capa, já meio desbotada.”

(p.14). A Bíblia reforça aqui o apego ao sagrado como forma de conseguir forças para continuar a lutar.

Aqui destacamos também a relação de Damião em sua juventude com outros negros no quilombo. Nesse contexto, destaca-se a figura do Barão que passa a ensinar Damião a ler, mostrando-se assim como uma das figuras mais importantes na vida do protagonista, pois são os ensinamentos do Barão que dão a Damião sua maior e melhor arma na luta pela liberdade dos negros e o fim o cativeiro. Durante as aulas, Damião apresenta-se muito compenetrado, não deixando escapar nenhuma informação.

Frisamos também que os ensinamentos de Damião iniciaram-se com o livro sagrado. A Bíblia é o primeiro livro que o jovem Damião tem contato, o que reforça a ideia tradicional de que o conhecimento se inicia por meio do conhecimento religioso. Além do mais, a Bíblia é negra, assim como Damião. Seria uma espécie de Bíblia dos negros?

Além disso, elencamos a complexa relação de Damião com a figura paterna, que é tomado pelo protagonista como um modelo a ser seguido. Com a sua morte, Damião passa a se parecer cada vez mais com Julião, assumindo seu lugar não apenas no seio familiar, mas de forma ainda mais destacada na luta pelo fim do cativeiro. Assim, a perda do pai, para Damião tem um significado significativo, seria a “forma” de Damião assumir a sua missão de herói do povo negro. “Aos poucos Damião sente que vai repetindo o pai [...]” (p.18).

Outro ponto relevante do texto é a relação de Damião, o protagonista, com o som emanado dos tambores nas noites de São Luís, como podemos observar:

E à medida que o tempo passava, mais se acentuava em Damião o gosto de estar ali, distraído da passagem das horas pelo ritmo do batuque, o entono das litânias a farândula de imagens que lhe entravam pelos olhos felizes [...].
(p.204)

Observamos o som dos tambores como uma espécie de guia para Damião, um chamado dos deuses. Os tambores são tão marcantes em Damião que este chega a esquecer-se das horas, da caminhada para ver seu trineto.

O encontro com os tambores torna-se um momento de reflexão para Damião no que diz respeito à sua missão enquanto defensor da liberdade dos negros. O momento de Damião ver realmente o seu lugar. Assim, é o som dos tambores que guia Damião em sua vida, em sua luta, interferindo nitidamente na vida do protagonista.

Mesmo que Mãe Hozana nada lhe dissesse, Damião saberia que era ali o seu lugar. [...] E então novamente se lhe avivou, mais resoluto, a consciência de que, como negro, tinha uma missão a cumprir em favor dos outros negros. [...]. Como se os deuses de sua raça o inspirassem, sentia que o animo da rebeldia lhe voltava e que uma força estranha o dominava e sacudia, impelindo-o para frente, num assomo de fúria irreprimível. (p. 205)

Como os tambores são instrumentos fundamentais a esta sacralidade, notamos que são representados não como simples instrumentos musicais, mas carregados de todo um significado místico e ritual, espécie de “deuses” intermediários entre o humano, no caso Damião, e o sagrado, os *voduns* ancestrais.

Como nos lembra Roger Bastide: “Não é, todavia, Exu o único intermediário entre os homens e os deuses. Os três tambores do candomblé também o são [...]. não são tambores comuns[...].” (BASTIDE, 2001, p.34).

Assim, da mesma forma que é considerado no candomblé, no tambor de mina, o tambor possui um significativo valor simbólico e um diálogo preliminar com os “deuses”.

No Tambor de Mina, esses instrumentos são batizados e recebem os nomes africanos de hum, gumpli e humpli. Essa atribuição de nomes aos tambores é uma forma de indicar o seu status de ser sagrado dotado de vida. Notamos o Tambor como um ser animado, com vida e que dar vida.

Os tambores são tão importantes, que Josué Montello afirma em seu romance: “[...] E o que logo se vê, ao chegar á varanda, depois de atravessar o corredor atijolado, são os tambores rituais, de pé, em numero de três, [...]” (p.200).

Durante todo o percurso desenvolvido pela personagem, o som dos tambores eclode como uma espécie de convocação para que Damião realize a caminhada e rume as suas origens. Desse modo, os tambores deixam de ser objetos e transformam-se em divindades intermediárias entre o protagonista e as divindades clônicas ancestrais afro-brasileiras:

Por vezes, no seu passo firme pela calçada deserta, deixava de ouvir de ouvir o tantantã dos tambores [...]. Daí a pouco Damião tornava a ouvi-los, trazido por uma rajada mais fresca, e outra vez a imagem da nochê, cercada pelas noviches vestidas de branco[...] (p.03)

Pelo som, Damião sente uma necessidade orgânica, intrínseca de procurar a Casa-Grande das Minas, como se uma força atávica o atraísse para o ambiente. Montello então, reporta-se ao caráter primevo da possessão dos *voduns*, para quem os iniciados são apenas escolhidos das divindades devendo, pois, seguir um destino já previamente traçado.

O certo é que, ouvindo os bateres rituais, como que se reintegrava no mundo mágico de sua progênie africana, enquanto se lhe alastrava pelas consciências uma sensação nova de paz, que mergulhava na mais profunda essência de seu ser. Dalí saía misteriosamente apaziguado, e era mais leve o seu corpo e mais suave o seu dia, qual se voltasse a lhe ser propício o vodum que acompanha na Terra os passos de cada negro (p.03-04).

Ao som dos tambores rituais, Damião se sente ainda mais negro, se sente chamado para o ingresso na sacralidade africana. Além disso, o baticum dos tambores constitui-se uma espécie de comunicação entre Damião e o mundo sagrado africano. É através dos sons dos tambores que Damião entra em contato com a sua África perdida, agora encontrada através de um diálogo marcante entre as divindades, os tambores e os devotos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Notamos, a partir da análise realizada que é indispensável o conhecimento da religiosidade africana para compreendermos constituição da identidade do protagonista do romance em estudo. Ou seja, a identidade negra, que se dá a partir de um (re)memorização coletiva do povo negro e isso ocorre quando Damião vai para a Casa-Grande das Minas e passa a sentir-se como se estivesse na África, revivendo as suas origens.

Além disso, há de se ressaltar a importância do sagrado na Casa das Minas para os negros. Assim sendo, Damião torna-se o símbolo da recuperação das origens áfricas e (re)memorização coletiva do povo. É através dele que se pode perceber a importância que o resgate dos valores religiosos ancestrais adquire para a constituição e para a manutenção da consciência negra tanto no romance quanto em contextos sociais diversos.

Há em “Os tambores de São Luís”, como afirma Renato Ortiz (2006) “Toda identidade é uma construção simbólica (ao meu ver necessária)”. Mais adiante destaca: “não existe uma

identidade autêntica, mas uma pluralidade de identidades, construídas por diferentes grupos sociais em diferentes momentos históricos”. (p.08)

Sendo o sincretismo uma forma de sobrevivência que desencadeia numa resistência cultural e religiosa, a representação dessa resistência está na descrição dos rituais vivenciados no interior da Casa-Grande das Minas.

Damião representa a luta pela liberdade, não apenas sua, mas de todo seu povo que sofre que é torturado e até mesmo impedido de vivenciar seus costumes e práticas religiosas.

Damião seria o modelo da dialética do senhor com o escravo que Renato Ortiz(2006) enfoca. Para ele,

É o escravo quem transforma o mundo com seu trabalho, ele é a mediação entre o senhor e o mundo, o que lhe confere uma posição de dinamismo em contraposição à ociosidade estática do senhor. O escravo é a negação libertadora, ele está ao lado da superação, da história. (ORTIZ, 2006, p.58)

Na medida em que escravo negro é tido como modelo de superação e dinamismo social, procura-se a derrubada das teorias raciológicas.

Damião, símbolo da luta pela liberdade, rememora a sua África perdida a partir da sua relação com o sagrado e é por meio dos tambores rituais que o protagonista nos traz uma África encantada, sagrada.

Desta forma, Damião é também o símbolo do sincretismo, pois traz traços da religião de matriz africana e do catolicismo, considerando aquela como uma espécie de chamado para a sua missão. É através do contato com a sacralidade de matriz africana, que Damião revive a África e sua cultura.

Assim sendo, destacamos que Josué Montello consegue trazer para as páginas literárias todo o resgate da cultura africana, mais especificamente a sua religiosidade, nos mostrando que esta se encontra intimamente ligada ao homem africano e afro-descendente. Além disso, nos traz o tambor como um instrumento sacralizando, uma espécie de ligação entre o humano e o sagrado. Numa relação analógica, o humano seria Damião e o sagrado os voduns.

Portanto, o nosso estudo abarca a religiosidade de matriz africana através de Josué Montello que consegue de uma forma surpreendente, abordar uma religião de matriz africana, na maioria das vezes, esquecida ou suprimida em virtude, talvez, de religiões de maiores

destaques. Além do mais, o romancista consegue nos colocar em terras africanas por meio de uma literatura que nos leva a realizar uma leitura profunda da sacralidade africana.

REFERÊNCIAS

BASTIDE, Roger. **O sagrado selvagem e outros ensaios**. São Paulo. Companhia das Letras, 2006.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. 4º Ed. São Paulo: Global, 1997

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FERRETI, Sergio Figueredo. **Repensando o Sincretismo**: Estudo sobre a casa das minas. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo: São Luís, 1995.

_____. **Sincretismo afro-brasileiro e resistência cultural** (trabalho apresentado na mesa redonda Reafricanização e Sincretismo, no V Congresso Afro-brasileiro em 1997).

_____. **O culto a divindades africanas no tambor de mina do Maranhão**. (Seminário de Religiões afro-americanas e diversidade cultural) Rio de Janeiro. UNESCO. Fundação Palmares, 2011

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

MONTELLO, Josué. **Os tambores de São Luís**. 3º Ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1978.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2006.